reflexões sobre
ARTE visual
v. 1 n. 6 novembro de 2020

Professor Dr. Isaac A. Camargo

Sistema e Circuito de Arte Visual.

https://www.widewalls.ch/magazine/la-art-show-art-fair-2016

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Edição:

v.1 n.6 novembro (2020)

Periodicidade: quinzenal

Capa: https://www.widewalls.ch/magazine/la-art-show-art-fair-2016

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.
É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.
O acesso é público e gratuito.
Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.
Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

PRÓLOGO

Primeiro, é necessário delimitar a ideia de *Sistema*:
do grego: *σύστημα* - systēma, através do latim: *systēma,* é um conjunto de elementos interdependentes que tendem a formar um todo orgânico.

O termo Sistema aparece em diferentes áreas do saber, mas mantém o mesmo sentido: todos têm objetivos e dependem de vários elementos funcionais que atuam integradamente, coordenando fluxos de dados, condutas e/ou informações. Portanto, o processo de produção e distribuição de Arte dentro da sociedade pode ser entendido como um Sistema.

Se observarmos o comportamento do fenômeno artístico como um Sistema, pode-se dizer que há um *Sistema de Arte* e, este sistema, tem diversos componentes que podem ser identificados e discriminados para efeito de compreensão, estudo e análise.

Ao mesmo tempo vale ressaltar que o Sistema de Arte não permanece sempre igual, é dinâmico, age e reage de acordo com o meio, o lugar e o tempo no qual surge e é observado ou analisado, então, é necessário levar em conta o período em que se observa este Sistema e analisá-lo de acordo com os dados disponíveis sobre ele ou que dele emanam.

Ao observar a amplitude de um Sistema de Arte pode-se dizer que os elementos componentes ou agentes desse sistema indicam, pelo menos, três instâncias distintas e interconectadas: A *instância Produtora*, a *Instância Mediadora* e a *Instância Receptora*. Cada uma delas é também composta por diferentes elementos ou agentes que atuam para que tal Sistema funcione independente dos objetivos que possa ter em cada momento em que ocorre. Assim, um possível sistema de Arte pré-histórico é muito diferente do sistema existente na Idade Moderna e, ambos, completamente diferentes do período Contemporâneo.

Não vou desenvolver aqui um tratado sobre o Sistema de Arte através do tempo, apenas abordar o assunto tocando em questões que considero importantes para facilitar seu entendimento e funcionamento, para compreendê-lo melhor nos tempos atuais.

O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, em seu trabalho *O Sistema das Artes*, no século XIX, estabelece relações entre Forma e Espírito classificando as manifestações artísticas segundo estas categorias. Seu trabalho é um marco importante para os estudos da estética, mas não atendem às questões do Sistema da Arte como é visto na atualidade.

Sistema de Arte.

Uma questão que considero relevante para o desenvolvimento deste texto parte do princípio e pressuposto de que a Arte detém o *Reconhecimento* social. É uma manifestação humana constante na história e por isto merece ser respeitada. Não falo aqui de estética, relevância cultural, importância social, nem mesmo de valor econômico, mas de sua presença contínua na civilização consolidando-a como manifestação tipicamente humana e, por reconhece-la como tal, é possível abordá-la sob vários aspectos, até mesmo como Sistema. Isto posto, vamos a ele:

Neste Sistema há, pelo menos, três instâncias: Produção, Mediação e Distribuição.

Não se pode pensar um Sistema na Arte Visual se não for a partir da *Instância Produtora* já que Arte não surge por encanto ou brota como relva: é produção humana. Em geral, entende-se esta instância como constituída por agentes que reúnem certos pré-requisitos, habilidades e competências para realizar, produzir, Obras de Arte. Contudo isto pode se referir a uma ou mais pessoas pois, nem sempre, a produção artística foi exclusivamente individual, em vários momentos da História se revela como atividade coletiva, como trabalho de equipe.

A concepção ou ideia criativa em si pode partir de uma pessoa, mas a execução nem sempre é assim.

Basta imaginar os projetos de edificação dos templos na Antiguidade. O projeto dependia de alguém que dominasse processos de construção, outros que dominassem processos de cantaria (quebrar e modelar pedras e ainda esculpir figuras), outros capazes de criar imagens, desenhá-las, pintá-las de acordo com conceitos, crenças e normativas sugeridas ou impostas por outrem. Enfim, pensar que o produtor é um só indivíduo, não vale para todos os momentos da História da Arte, logo, deve-se observar a instância da produção em função das Obras realizadas.

De acordo com a complexidade, necessidades ou proposições as obras são realizadas de vários modos e com estratégias diferentes.

O trabalho personal ou individualizado dialoga como o trabalho coletivo ou em equipe.

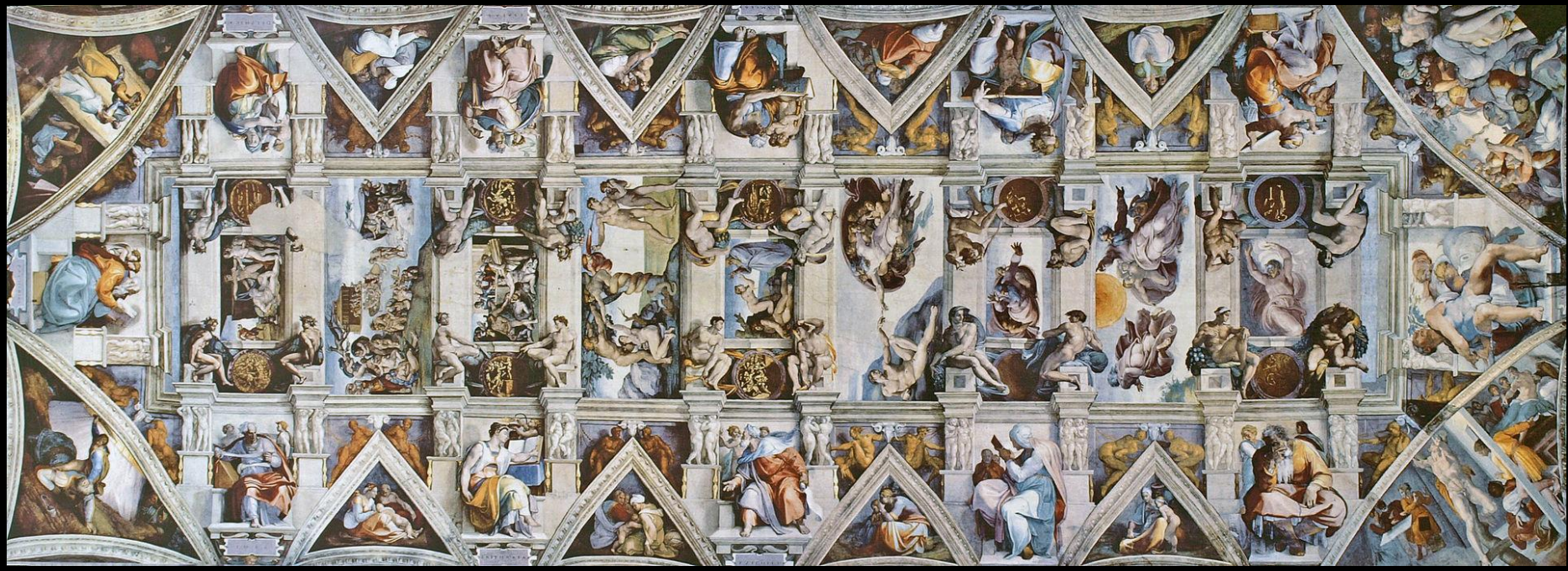
Hoje em dia, coletivos artísticos usam estratégias de grupo para realizar manifestações que um só indivíduo não conseguiria. Há também artistas que reúnem assistentes, auxiliares em grandes estúdios, ateliers e oficinas destinados a produzir obras de grande porte ou quantidade e complexidade que aquele que assina não conseguiria produzi-las em períodos tão curtos.

Basta relembrar as grandes oficinas de escultura, por exemplo, de Michelangelo, de Bernini e outros artistas que assinaram obras tão fabulosas quanto numerosas. Imaginem se cada um deles trabalhasse sozinho, será que dariam conta das inúmeras peças que ainda hoje encantam nossos olhares? Olhando para períodos mais recentes, os artistas Pop como Andy Warhol em sua *The Factory*, ou atualmente Jef Koons, Damien Hirst que lidam com produções massivas ou ainda escultores de grande porte como Anish Kapoor, Antony Gormley entre outros que atuam em grupo. Desde o Renascimento o trabalho coletivizado é uma conduta comum ao campo da Arte.

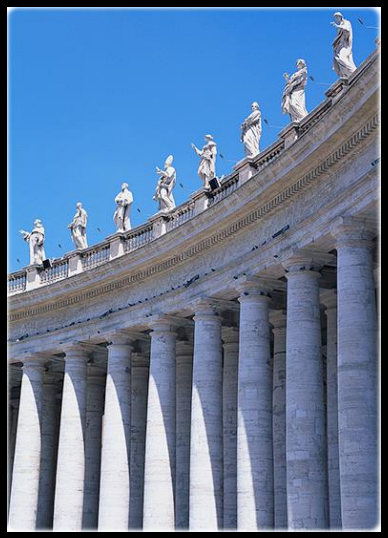
Independente de haver uma ou mais pessoas envolvidas nessa primeira instância, o importante é a existência dela e a persistência na realização de Obras de Arte.

O segundo aspecto se refere à *Instância Mediadora*. Mediação aqui é entendida como distribuição, difusão, informação e outras ações que dependem de promover e entregar, sejam as obras ou informação sobre elas.

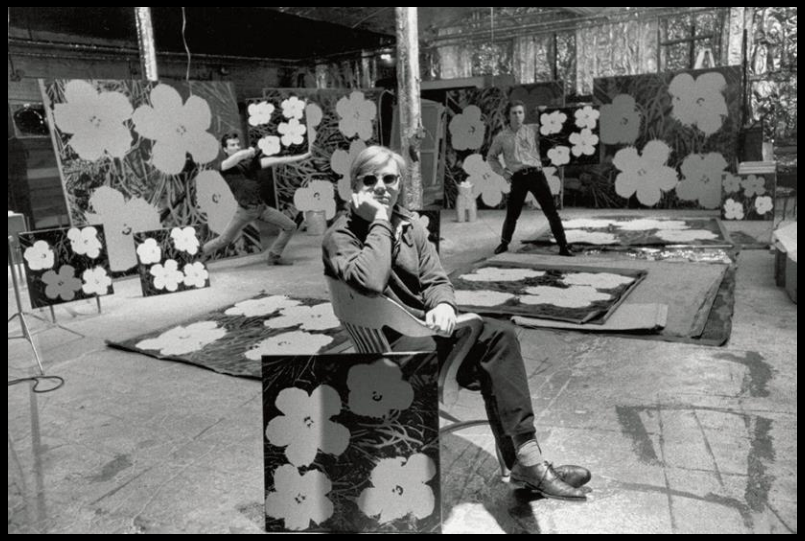
Aqui entram vários agentes, pessoas e instituições que cumprem papéis diferenciados no sistema como um todo que pode ser observado sob vários ângulos seja o da difusão, dos estudos ou da mercantilização.



A grandiosidade do trabalho de Michelangelo na Capela Sistina, por exemplo, implica em admitir grande número de auxiliares no processo. Isto mostra a necessidade de trabalho coletivo. Trabalhar em andaimes suspensos, deitado, próximo ao teto não é fácil. Um afresco implica em preparo da massa de revestimento úmido e a pintura imediata antes que a massa seque e impeça a tinta de ser absorvida, então é só imaginar o processo e quantas pessoas precisavam estar envolvidas...



A Colunata da Praça de S. Pedro, no Vaticano em Roma é um bom exemplo da produção coletiva capitaneada por Gian Lorenzo Bernini. É composta por 284 colunas encimadas por esculturas. Basta calcular a necessidade de artificies, canteiros e demais profissionais para a realização desta imensa obra...



The Factory foi o nome dado aos estúdios de produção intensiva de Andy Warhol, em NY, entre 1962 e 1984.

The Art Factory é o nome dado por Jef Koons ao seu estúdio atual de produção.

Tomando os elementos citados como difusão, estudos e mercantilização, pode-se tratar cada um como parte importante e integrada dela e, com isto, entende-la melhor. A *difusão* parece ser uma dos mais importantes dele, especialmente, no contexto atual no qual artistas e obras são alavancadas por meio de estratégias de publicidade e marketing, às vezes subliminares, no intuito de garantir aos investidores e colecionadores, altos ganhos nesse universo. Entretanto, ao olhar com um pouco mais de atenção para este contexto, vê-se que a importância vai além das questões mercantis e implicam na consolidação do sistema.

Os estudos *sobre* e *em* Arte são essenciais para consolidá-la pois, sem o aval de críticas, esclarecimentos, justificativas, publicações especializadas ou mesmo de informação geral como faço, não seria possível criar uma espécie de “estatuto” ou de qualquer parâmetro que desse a sociedade meios para reconhecer e preservar a produção artística como tal. Por isso coloquei que pessoas e instituições fazem parte disto. Os responsáveis são os estudiosos como pesquisadores vinculados a instituições de promoção e preservação como museus, professores vinculados à universidades e centros de ensino, críticos e jornalistas.

Galeristas, marchands, curadores, colecionadores e as instituições que promovem o mercado de Arte, todos contribuem para existência e consolidação deste Sistema como tal e dão existência ao terceiro estágio da Mediação que é a *mercantilização*, com isto se fecha o círculo desta instância.
A terceira instância que citei foi a de recepção. Chamei de *Instância Receptora* justamente por ser ela a destinatária da produção e da mediação: os agentes que compõem esta instância também representam uma conjunção de pessoas, processos e instituições que se constituem como o elo final desta cadeia sistêmica.

Pode-se dizer genericamente que a Recepção se constitui do público interessado em Arte, ou seja, a própria sociedade que determina sua produção, existência e manutenção.

Tanto a apreciação, interesse, gosto, comercialização ou mesmo a exploração financeira desse sistema é gerado no ambiente social do qual a Arte é parte integrante e integrada. Nem um nem outra ficam isentos das vicissitudes às quais a humanidade como todo está sujeita.

Reforço que cada tempo, lugar, civilização e cultura na qual a Arte surge, só surge porque cada um destes fatores existem.

Circuito de Arte Visual.

Bem, até agora falei em Sistema de Arte, mas qual é a diferença entre Sistema e Circuito de Arte?

Posso dizer que a diferença entre um e outro está apenas no que se refere ao *ingresso e circulação* no Sistema.

Para a produção artística existir ela precisa fazer parte do Sistema de Arte, para isto, deve entrar em circulação. Um exemplo simples: às vezes aparece uma ou outra obra desconhecida de um artista famoso ou já integrado ao Sistema. Embora o artista já tenha o reconhecimento do sistema, a obra recém descoberta não.

Este foi o caso da obra: *"Por do Sol em Montmajour"*, de 1888, de Vincent Van Gogh, descoberta recentemente numa coleção privada. Embora fizesse parte de uma coleção, o colecionador desconhecia sua origem, portanto, ainda não estava catalogada como produção "*Vangoguiana*"...

Contudo, não basta alguém dizer que uma obra é de um ou outro autor, a partir do momento que se lança uma dúvida ou uma questão como esta, especialistas vão iniciar os estudos para verificar se tal alegação é verdadeira. Neste caso, a atribuição do quadro a Van Gogh é resultado de dois anos de pesquisa em que atuaram dois especialistas do Museu Van Gogh de Amsterdã: Louis van Tilborgh e Teio Meedendorp, eles analisaram o estilo, a técnica e o tipo de suporte da obra. Feito isto e sanadas todas a dúvidas ela passa a integrar o universo de obra do autor e, nesse caso, entra no *Circuito de Arte* e passa a fazer parte do *Sistema de Arte*.

Pode-se dizer que esta é uma entrada gloriosa e pela porta da frente, mas nem sempre é assim.

Há alguns anos o filho de um eletricista alegou que seu pai havia trabalhado para Picasso, e havia recebido em paga um conjunto de, pasmem, 272 obras que manteve guardadas até 2010. Obviamente tais alegações acenderam muitas luzes vermelhas e a coleção, estimada em 60 milhões de Euros, foi confiscada...

Ao entrar no Circuito de arte significa que as Obras passarão a ter visibilidade, presença e, com isto, será avaliada estética e comercialmente.

Pode-se entender, portanto, o Circuito de Arte, como a parte do Sistema de Arte, próximo da Mediação, na qual produtores, comerciantes e instâncias intermediárias, atuam para promover a entrada, visibilidade e presença de Obras ou artistas no Sistema por meio de eventos artísticos. Para clarear isto relacionei três aspectos pertinentes à questão do Circuito: *entrada*, *visibilidade* e *permanência*. Tanto um artista como uma obra podem entrar no circuito por conta de uma exposição numa galeria, numa instituição pública ou mesmo por inciativa particular. O que importa é o nível de visibilidade que tal acontecimento promove e se irá permanecer.

Há muitos artistas e obras surgindo continuamente, mas a maioria não obtém visibilidade e tampouco se integram e permanecem no Circuito ou são integradas ao Sistema de Arte.

O que se sabe é que há muitos fatores intervenientes que contribuem tanto para o sucesso quanto para o fracasso. Entrar e permanecer no sistema é o objetivo dos artistas e marchands.

Os fatores de sucesso ou insucesso podem ter origem em aspectos muito diferentes entre si como pessoais, estéticos, temporais, comerciais, entre outros. Não há regras absolutas que garantam sucesso ou impeçam o insucesso.

É possível arrolar vários fatores, comportamentos e condutas que contribuem para artistas ou obras entrarem no Circuito, contudo, não se pode dizer que sejam garantia de permanência nele.

Alguns passos são relevantes para o percurso neste caminho e tais passos também são avaliados pelos agentes responsáveis pela mediação do sistema ou por parte do público apreciador, usando-os para verificar a entrada e a presença de um artista ou obra no sistema. Nesta abordagem vou tomar como referência o artista e não as obras. As obras são os produtos que permanecem no Sistema, considerando que são mais duradouras do que o produtor e podem ser revistas a todo tempo.

A meu ver, o primeiro aspecto a ser considerado como relevante para a entrada de um artista no Circuito é a *Identidade Artística*. Identidade Artística é a personalidade que o caracteriza, o individualiza e o distingue quanto às suas proposições e produção. Quanto mais experiência, estabilidade, autenticidade e segurança na produção maior é a chance de participar do circuito e integrar o sistema.

O segundo aspecto diz respeito à *Produção Artística*. A experiência e constância contribuem para dar consistência à produção tanto em relação aos projetos e proposições dando estabilidade ao todo.

Clareza Propositiva, considero este o terceiro aspecto relevante. Como se sabe o conhecimento sobre Arte Visual é restrito em nosso país, as pessoas têm pouca ou nenhuma informação à respeito da Arte em geral, o que dizer então sobre a obra de um artista, principalmente se for um iniciante no circuito?

Portanto é necessário ter consciência plena do que se faz em relação às proposições, aspectos técnicos e estéticos que facilitem a explanação e explicação sobre a produção para que o público, estudiosos ou a imprensa tenham informações adequadas tanto para o entendimento quanto para difusão de tais dados junto à comunidade.

Curadoria artística. Atualmente o conceito de Curadoria tem sido uma presença constante no ambiente artístico. Praticamente todas as mostras que se prezam são organizadas ou orientadas por curadores, sejam eles especializados ou não. O artista pode, ele mesmo, organizar, editar ou curar sua mostra, mas se tiver condições ou à disposição a colaboração de alguém que possa auxiliá-lo neste campo é importante, pois seu envolvimento pessoal com a produção talvez não lhe dê tempo ou distância para olhar para a obra, para o entorno e identificar quais são as melhores opções para sua exposição seja em relação aos trabalhos ou ao ambiente. Curadoria é relevante.

Documentação Artística. É o quinto aspecto que considero relevante para o artista. Não parece ser um hábito comum entre os artistas realizarem a documentação das obras ou processos de criação. No entanto, aqueles que o realizam não se arrependem. A elaboração de impressos, catálogos, folhetos de mostras normalmente são ilustrados e estes impressos se tornam documentos para difusão e mais tarde para pesquisa sobre Arte. Nesse caso, quando se organiza uma exposição deve-se considerar a presença de um catálogo, por mais simples que seja é, no mínimo, um documento para compor o portfólio artístico.

Um sexto aspecto é a *Difusão Artística*. Todo evento deve ser informado à sociedade. Produzir Arte é uma parte importante do processo, mas é pessoal e intransferível, no entanto, é responsabilidade do artista dar visibilidade à sua produção e notificar a sociedade dela. Uma das funções sociais da Arte é seu diálogo com a sociedade, portanto, a Difusão é essencial. Por isto, comunicar à imprensa a realização de uma mostra ou evento é importante. Para tanto, servem os catálogos e demais dados e informações como entrevistas, documentários e outros materiais que auxiliem tanto a inserção quanto manutenção no Sistema.

Poderia acrescentar outros aspectos importantes para integração no Circuito e no Sistema de Arte, no entanto, como se trata de um texto aberto e disponibilizado para um público também aberto considero que, até aqui, ele é suficiente tanto para quem já tem alguma iniciação em Arte Visual, quanto para quem nunca se preocupou com isto.

Bem, até aqui falei do Sistema de Arte Visual e suas características, do Circuito de Arte e alguns modos de inserção nele. Agora vou falar um pouco dos eventos que constituíram e constituem o Circuito de Arte.

Voltando ao passado remoto, na Antiguidade, pode-se dizer que não havia um “circuito”, já que a ideia de Circuito é bem recente e tem uma relação muito próxima ao mercado de Arte, coisa que não era tão comum na história pregressa da Arte Visual.

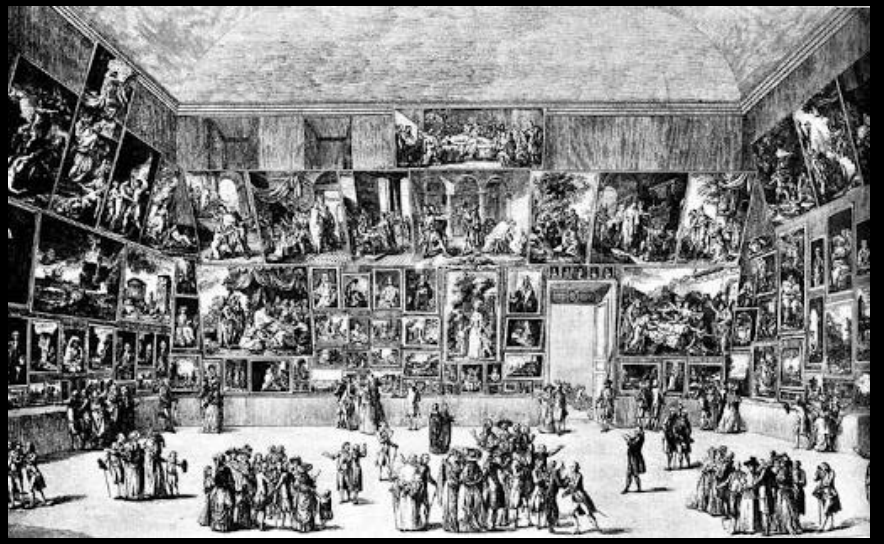
Desde a Antiguidade pode-se dizer que as Obras de Arte eram usadas para ornamentar as edificações como palácios, templos e túmulos e, em geral, tinham funções mais informativas.

O acesso a elas era restrito. A população, em geral, só podia apreciar aquelas que configuravam o exterior dos templos, palácios e túmulos. As que ocupavam os interiores eram restritas aos mandatários.

Não se pode dizer que não existisse um “mercado” de Arte, ou seja um “destino” para produção artística, mas a intensificação comercial surge com a Idade Moderna, inclusive o *Colecionismo*, a partir do Renascimento Italiano por conta, em parte, do surgimento das Academias de Arte. Daí em diante foi se especializando até atingir os procedimentos que hoje em dia ainda são utilizados no meio artístico-cultural.

Mas, pode-se dizer que o Circuito surgiu, de fato, no momento em que começaram a aparecer os grandes Eventos em Artes Visual. O primeiro exemplo são os Salões realizados no Louvre na França a partir do século XVII.

O *Salão de Paris* - *Salon de Paris*, foi fundado em 1667 na capital francesa para exibir obras de arte, em especial pinturas, dos membros da *Academia Real de Pintura e Escultura*. A exposição foi chamada de *Salão* por ter sido realizada no Salão de Apolo - *Salon d'Apollon*, no Louvre. O evento se manteve com subsídio governamental até 1881. Dois séculos o indicam como um dos eventos mais duradouros que se conhece em Arte Visual. Embora a finalidade fosse apresentar os trabalhos dos membros da academia francesa gerou outros eventos semelhantes.



Uma das primeiras imagens que ilustram o evento dos *Salons* é de 1699. O Salão foi, durante muito tempo, um apanhado de obras.

O Salão de Paris de 1785, consagrou algumas obras que, até hoje, representam a estética Neoclássica.

Os Salões passaram a atribuir prêmios para artistas que se destacavam por meio de avaliação e julgamento de um grupo de *experts*. O modelo de salão como surgiu, é ainda hoje recorrente no contexto dos Eventos em Arte Visual.
A principal característica de um Salão é a reunião de vários artistas num só espaço e sua função é possibilitar a visitação pública. Embora o nome Salão seja o mais tradicional, outros nomes surgiram ao longo do tempo. As Bienais como a de S. Paulo, por exemplo, indicam salões que se realizam de dois em dois anos. A Documenta, em Kassel na Alemanha é outro nome que surgiu no contexto expositivo.

A importância destes eventos coletivos é inegável tanto para dar a ver as tendências da Arte Visual no seu tempo, quanto propiciar aos artistas sua inserção no Circuito e no Sistema de Arte.

Os Salões competitivos têm sido substituídos por eventos atualizadores, em geral, sem premiações em que o financiamento é destinado ao deslocamento dos artistas de suas origens, transporte ou até confecção dos trabalhos propostos para as mostras. Hoje em dia, a maioria destas mostras são organizadas por *Curadores*, pessoas especializadas em Arte Visual que dão o foco para o Evento.

Se os Salões foram de grande importância para a difusão e consolidação da produção em Arte Visual, interferindo até na História da Arte, em que pé ficaram as Galerias de Arte? O nome Galeria também é devedor do Renascimento, e a primeira foi a Galeria Degli Uffizi, construída por Cosino I di Medici, servia de ligação entre os escritórios dos magistrados de Florença. Sua decoração era feita por Obras de Arte, assim, um espaço de passagem se tornou um espaço de Arte. Hoje essa palavra é mundialmente usada para se referir a um espaço expositivo. Há galerias públicas e privadas, seus fins diferem pois as públicas priorizam a difusão do conhecimento e as privadas o comércio.

Mas porque tocar no assunto das galerias se o que se está falando é sobre o Circuito de Arte?

Simples, as galerias fazem parte do Sistema e são meios de inserção de artistas e obras no circuito. Também contribuem para os estudos sobre Arte. Muitas galerias públicas ou privadas são referência cultural no contexto artístico.

Nas últimas décadas as instabilidades e variações do mercado de Arte proporcionaram o surgimento de um fenômeno importante no contexto da Arte envolvendo as galerias:

As *Feiras de Arte Visual*.

As Feiras de Arte Visual e o mercado.

Uma feira é um evento em espaço público em que as pessoas expõem produtos para venda. Diferente dos Salões, as Feiras de Arte, são essencialmente comerciais, em geral realizadas em grandes ambientes divididos em pequenos *stands*. Estes pequenos espaços são alugados para galerias que expõem obras dos artistas que representam ou que fazem parte de seu acervo. Estes ambientes são preparados para receber muitas pessoas, há preocupação com atendimento e serviços de alimentação, higiene etc. São Feiras de grande porte.

Elas surgiram como uma alternativa importante para as Galerias que passavam por momentos de incerteza e dificuldades num mercado cada vez mais restrito e competitivo.

As Galerias continuam mantendo seus espaços e locais de negócio originais, no entanto, num dado período do ano deslocam parte de seu acervo e pessoal especializado para atender à demanda das Feiras.

Como disse as Feiras são um fenômeno mundial. Nas décadas de 80/90 não chegavam a 50 no mundo todo, hoje em dia passam de 300. Assim temos um novo circuito, o das *Feiras de Arte Visual*.

Hoje em dia há um calendário intenso de Feiras realizadas no mundo todo, sobram feiras e faltam meses...

Pode-se dizer que as Feiras, além de um evento comercial é um evento cultural, pois reúnem artistas, obras, marchands e especialistas do mundo todo. Possibilitam uma visão geral sobre o que se está produzindo no momento.

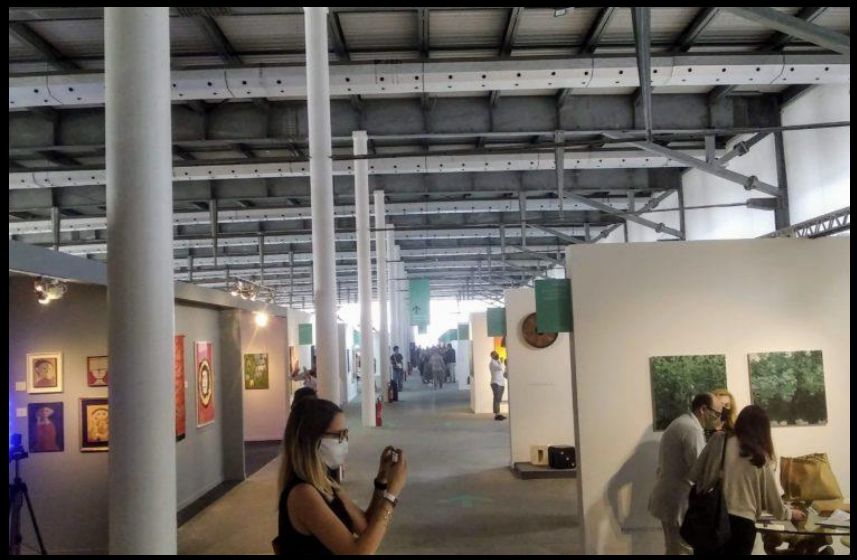
Elas contribuem para consolidação e diversificação tanto da produção quanto do mercado na medida em que fazem um recorte de tudo isto. Pode-se dizer que tendem a ser apenas “mercantis” e que não representam a cultura como um todo.

Esta é uma avaliação coerente. Contudo, no mundo capitalista, este foi o modo que o Sistema de Arte encontrou para atuar na sociedade no tempo atual.

Não se pode dizer que os Salões Franceses que ocorreram entre os séculos XVII e XIX, fossem menos contaminados pelo sistema econômico do que são contaminados hoje as Feiras de Arte Visual. Tudo é questão de perspectiva histórica. É óbvio que as críticas que são tecidas atualmente contra o capitalismo ou o liberalismo econômico predador, são relevantes, mas não se pode esquecer que são males do nosso tempo e a sociedade age e reage em relação a ele.

Imagens da Feira Anual de Arte Visual de Los Angeles, EEUU, em fevereiro de 2020.

Originariamente de Basileia, a Art Basel hoje é uma realização global em Basileia, Hong Kong e Miami.



ArtRio, realizada no Rio de Janeiro, é uma das Feiras de Arte Visual mais concorridas no país.

SP-Arte, em São Paulo, também se compara às grandes feiras mundiais.

A FIAC, International Art Fair, em Paris, é uma das mais concorridas no mundo.

A Armory Show, em NY, reedita o nome de uma das primeiras mostras de Arte Moderna nos EEUU.

Se as Feiras de Arte Visual serão consideradas um “mal do século”, não é possível prever, no entanto, é possível perceber que atuam e determinam como o fluxo da produção artística é tratado ou manipulado neste momento histórico.

Não se pode negar ou desprezar um fenômeno apenas por não gostar, não simpatizar, não acreditar nele, mas deve-se observá-lo, analisa-lo e avalia-lo dentro das condicionantes que o geraram e assim constituir um conjunto de olhares e pareceres sobre ele que possam auxiliar os estudos a respeito dele e sobre a época em que surgiu e se desenvolveu.

Esta é a missão dos estudiosos.

Considero também minha missão promover o conhecimento sobre o campo da Arte Visual, por isso, me dedico ao desenvolvimento desta publicação. Faço isto por acreditar que mais pessoas poderão olhar, apreciar, entender e estudar o Fenômeno artístico como um fato sociocultural relevante.

Embora pareça um pensamento utópico, não se pode partir do princípio de que não surta efeito. Não se admite a derrota no início da contenda, mas se luta até o final dela.

Me desculpem a personalização e subjetividade aqui expostas, mas ser professor é também ser suscetível a isto.

O aporte econômico que as Feiras de Arte proporcionam atualmente é relevante não só em relação à produção e visibilidade artística, mas também na contribuição que trazem ao turismo, ao segmento logístico de transporte, hotelaria e serviços de alimentação e infraestrutura.

Embora sazonais, já delimitaram um calendário anual que faz parte da agenda de vários estudiosos, críticos, apreciadores e, especialmente, dos marchands e investidores.

Não há como evitar que o capitalismo interfira no Sistema de Arte e, muitas vezes, o defina então resta estuda-lo, analisa-lo para entende-lo.

Mas, não tenho dúvida que este é um momento importante para refletir sobre a consolidação e desenvolvimento que a Arte Visual irá enfrentar no século XXI. Paixões à parte, é preciso avaliar este fenômeno com vagar e tentar inferir dele os caminhos que estão pavimentando o futuro da Arte na contemporaneidade.

Não se deve deixar para trás nada do que é possível observar hoje para entender o amanhã.

Como tenho dito sempre, é necessário lembrar que:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma...